

LABORATÓRIO DE GESTÃO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ

Analisando o impacto da formação politécnica no campo da gestão em saúde a partir do
estágio no CSEGSF

Marco Antônio de Andrade da Rosa

RIO DE JANEIRO

2009

Marco Antônio de Andrade da Rosa

Analisando o impacto da formação politécnica no campo da gestão em saúde a partir do
estágio no CSEGSF

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola Politécnica de Saúde
Joaquim Venâncio como requisito parcial
para aprovação no curso técnico de nível
médio em saúde com habilitação em Gestão
em Serviços de Saúde.

Aprovado em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Mestre Raquel Barbosa Moratori, EPSJV – Fiocruz

Mestre Grasielle Nespole, EPSJV – Fiocruz

Mestre Gilberto Estrela, EPSJV - Fiocruz

*Dedico este trabalho ao ser
supremo, que das maneiras menos
ortodoxas, fez possível a realização
desta pesquisa.*

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora Raquel Moratori que, mesmo eu merecendo ser abandonado por ser um péssimo orientando, continuou até o final comigo.

A minha professora e amiga Grasielle Nespoli, que sempre deu apoio à realização deste trabalho, atuando como uma espécie de co-orientadora.

De antemão, a mesma Grasielle e ao professor Gilberto Estrela, por aceitarem participar desta banca.

Aos meus Pais, que mesmo não atuando na elaboração deste projeto, nunca podem ser esquecidos.

A todos os meus verdadeiros amigos da turma do ano de 2007 da EPSJV e também para minha namorada Clarissa, que sempre me incentivaram a tocar para frente o projeto.

E a todos aqueles, que de alguma forma, colaboraram para o término deste trabalho.

Resumo

O presente estudo buscou analisar como o processo de trabalho na administração científica é realizado em contraposição a uma concepção marxista, proporcionada por uma formação politécnica. Analisando, também, a contribuição desta formação para o exercício das funções no estágio curricular no CSEGSF, como forma de evitar a alienação do trabalhador no seu processo de trabalho e na tomada de decisão. Foi realizado um trabalho de campo em que foi possível visualizar as contribuições da formação politécnica, proporcionada pela EPSJV, para o exercício de qualquer função no ambiente de trabalho do técnico em gestão de nível médio.

SUMÁRIO:

Apresentação	01
Capítulo I – ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO X POLITECNIA	03
Capítulo II – METODOLOGIA	09
Capítulo III – O CAMPO DE ESTÁGIO	11
Capítulo IV – O EXERCÍCIO DO ESTÁGIO	16
Capítulo V - IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO POLITÉCNICA PARA O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO	23
Bibliografia	25
Anexos	26

1-APRESENTAÇÃO:

Em uma unidade de saúde há uma série de atividades de diferentes áreas, coexistindo nos processos de trabalho. Para o bom funcionamento do serviço de saúde existe um amplo quadro de funcionários, profissionais que têm especialidades e formações em diversas áreas que os tornam aptos ou não para exercer certas funções.

Geralmente, a formação dos técnicos de gestão, chamados comumente (e erroneamente) de administrativos, tem, como um de seus pilares, a extrema especialização de todas as funções que o sujeito possa exercer em seu campo de atuação. Esse processo de especialização faz parte da mesma lógica de organização da administração científica, idealizada por Taylor, no início do século 20. Essa especialização veio quando Taylor julgava que os trabalhadores tinham um acúmulo desmedido de tarefas, impossibilitando-os de realizá-las com rapidez e precisão. Este método foi implantado, inicialmente, a fim de fazer com que o trabalhador não precisasse acumular conhecimentos além do necessário para o cumprimento de sua função, tornando-o, posteriormente, alienado e passível de qualquer tomada de decisão do patrão/administrador. Esta prática torna cada vez maior a distância entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, pois torna o trabalho manual, algo “não pensante”, e o trabalho intelectual um elemento distante do processo produtivo, destinado aos administradores/patrões.

Entretanto, o técnico em gestão formado pela Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/FIOCRUZ) pode ser percebido como uma peça fora do quebra-cabeça num contexto de trabalho organizado na perspectiva tecnicista ou da chamada organização científica do trabalho. Ao contrário dessa perspectiva mecanicista, podemos afirmar que o técnico de gestão em serviços de saúde da EPSJV tem um diferencial, a sua formação politécnica, que lhe proporciona compreender de modo mais amplo e crítico os processos de trabalho em uma unidade de saúde, deixando-o menos suscetível a alienação em seu ambiente profissional. Já os outros profissionais citados, formados nos preceitos da especialização do trabalho, podem não estar preparados para o enfrentamento de situações de cunho administrativo que envolvem outras áreas de conhecimento, nas quais eles não se qualificaram.

Os processos de trabalho do técnico de gestão guarda particularidades que precisam ser compreendidas, por isso este projeto realizou um estudo de caso no Centro de saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF) com objetivo de analisar o cotidiano de trabalho do técnico em gestão formado pela EPSJV no estágio curricular realizado no CSEGSF, discutindo se a formação politécnica possibilita um olhar diferenciado no trabalho exercido pelo profissional. Deste modo também buscou compreender as diferenças entre a concepção de politecnicidade e a administração científica do trabalho; apresentar a missão do CSEGSF; descrever os setores de estágio do técnico de gestão; analisar o cotidiano dos locais de estágios passados pelo autor no CSEGSF; identificar as possíveis contribuições que a formação politécnica pode dar ao trabalhador da gestão de nível médio aos processos de trabalho dentro do CSEGSF.

Por isso, num primeiro capítulo foi preciso definir as diferenças entre a politecnicidade e a administração científica do trabalho que são dois pilares dos métodos de formação desse profissional. Para isso foram revisados as concepções de politécnica segundo Saviani (2003), como também o que se entende por administração científica e suas conseqüências, segundo Dejours (1992) e Pinto (2007).

Num segundo capítulo foi apresentado o campo da pesquisa realizando uma descrição da missão e dos setores do CSEGSF. Isto foi feito a partir da análise de documentos, como diretrizes e planos bienais, que deram uma idéia do que é, no papel, o funcionamento do centro.

No terceiro capítulo foi feita uma apresentação dos dados coletados. Os dados são, basicamente, as tarefas que foram exercidas durante o estágio curricular dos alunos da EPSJV no centro de saúde que foram analisadas criticamente no quarto capítulo, tomando como baliza a concepção de politecnicidade e sua contribuição para este exercício de função e compreensão do processo de trabalho.

CAPÍTULO I – ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA DO TRABALHO X POLITECNIA

A palavra “politécnica” significa múltiplas técnicas, entretanto segundo Saviani (2003) a politecnia sugere que o indivíduo compreenda além das diversas áreas do conhecimento científico, os seus fundamentos. Deste modo, quando se fala em formação politécnica, o próprio Saviani reconhece que este significado extrapola o primeiro enunciado.

Falar em politecnia significa, adicionado ao dito anteriormente, que o sujeito no qual teve em sua vida uma formação politécnica conhece amplamente não só o conceito trabalhado, mas também as bases do pensamento que o gerou. A ideologia deste conhecimento, sua política, o porque ele está aprendendo e como se deu sua concepção também são estudadas, fazendo com que isto também se torne parte do conhecimento do trabalhador que teve em sua vida acadêmica a formação politécnica.

O conceito de educação politécnica foi reelaborado em seus moldes atuais pelo filósofo alemão Karl Marx ainda em meados do século XIX. A múltipla visão de educação idealizada por Marx pode ser facilmente percebida através de passagens do livro “O Capital”, em que o autor defende o trabalho para crianças e adolescentes como uma forma de amadurecimento intelectual do indivíduo, em outras palavras, o trabalho como mera forma de remuneração seria um desperdício, já que se pode empregar uma metodologia para que se possa extrair algum tipo de conhecimento de sua realização. A partir disto, podemos perceber que a formação politécnica segue a linha oposta do pensamento pregado pela “administração científica” que, segundo Pinto (2007), é o resultado do estudo de Frederick Taylor na área da administração de indústrias, que visava uma melhor eficiência da fábrica.

Taylor pesquisou as mais variadas áreas de uma indústria, a fim de problematizar certas práticas e desenvolver novas formas de exercer o trabalho, para extrair dele o máximo possível, diminuindo os custos de produção e maximizando os lucros gerados com a produção da fábrica. Para alcançar estes objetivos, Taylor aconselhava em seu estudo uma série de práticas que deveriam ser adotadas para sanar o que ele considerava um problema e que não podiam mais existir em uma fábrica. De início, ele identificou que os operários acumulavam tantas funções que eles acabavam por não conseguir exercer nenhuma delas

com perfeição. Por isso ele adotou em seu estudo a extrema especialização de tarefas, que levava o operário que exercia as funções na linha de produção a se especializar fortemente em sua função. Assim, só o patrão/administrador tinha noção de todo o processo de produção, e o operário, que tinha se especializado em uma só função acabou se tornando alienado de todo este processo e, por conseguinte, do processo de tomada de decisão também. (PINTO, 2007)

Esta medida foi efetivada com a fragmentação do conhecimento. O objetivo dos detentores do meio de produção, ou seja, a burguesia, desde Taylor, sempre foi expropriar inteiramente os trabalhadores das formas de conhecimento, mas isto seria impossível, pois fazendo isto, o sujeito fica totalmente inapto de trabalhar e produzir (SAVIANI, 2003). Deparando-se com isto, os capitalistas sistematizaram o conhecimento e o parcelaram, para que o trabalhador tenha domínio apenas do necessário para realizar a tarefa dada.

O parcelamento do conhecimento pode ser considerado um agente alienador. No momento em que o patrão/administrador priva o operário dos conhecimentos necessários para que ele tenha idéia do processo produtivo como um todo, a alienação gerada nesta situação pode se transformar numa ferramenta opressora. No momento em que o trabalhador não tem o conhecimento dos seus direitos, fica fácil para a parcela dominante da sociedade manobrar a massa de trabalhadores que, alienados do seu trabalho e de sua própria condição, agem de forma passiva, apenas recebendo ordens sem analisá-las criticamente.

A politecnia procura quebrar este modelo do conhecimento parcelado inaugurado no capitalismo e intensificado pela administração científica do trabalho. Um sujeito só pode ser “pleno” se conseguir analisar criticamente o universo em sua volta. Com uma formação politécnica, o homem parcial tem condições de se transformar num homem mais desenvolvido, com conhecimentos mais abrangentes de suas condições de sujeito trabalhador, podendo se tornar um ativista político e atuante nas tomadas de decisões. Assim a politécnica embasa e fortalece o homem para lutar por seus direitos.

Além da formação e do trabalho parcelado, outras concepções e práticas fundamentam a administração científica com este mesmo objetivo, ou seja, manter a alienação. Entre elas encontram-se como as principais: 1. “o plano de incentivo salarial”, em que o pagamento do operário era baseado no que ele produziu durante o mês, para

incentivar o trabalhador a querer produzir cada vez mais; 2. a instituição do “operário padrão”, que era considerado o trabalhador perfeito, que todos da fábrica deveriam trabalhar se esforçando para se igualar a ele ou até ser melhor; 3. e o “tempo padrão de produção”, que definia o tempo exato que o trabalhador deveria gastar com sua tarefa, para conseguir produzir mais com o mesmo tempo disponível. Todas essas práticas contribuíam ainda mais para a alienação do trabalhador e para o aumento da distância entre o trabalho manual e o trabalho intelectual.

Inúmeros autores, dentre eles, Christophe Dejours (1992), percebem este jeito de exercer o trabalho como nocivo à sociedade. A implantação destas práticas se coincide com um período de grande desenvolvimento industrial, o que acarretou um aumento da produção, juntamente com um êxodo rural e, conseqüentemente, uma explosão das populações nas áreas urbanas da época. Os habitantes destas manchas urbanas tinham condições de vidas impressionantemente precárias. Jornadas de trabalho muito grandes, com salários pífios que não podiam garantir tudo o que era necessário para o trabalhador. Isto acarretou para a população operária, precárias condições de higiene, esgotamento físico e subalimentação, gerando assim uma espécie de desastre social.

Ainda segundo Dejours (1992), como conseqüência desses mecanismos de controle do trabalhador e do processo de trabalho surgiu na vida dos trabalhadores o que ele chama de psicopatologia, ou seja, uma acentuação de características e sentimentos humanos, tais como estresse, baixa auto-estima, violência, etc. demonstrando o domínio que o trabalho exercia sobre sua vida cotidiana, afetando negativamente sua rotina não apenas durante o período de trabalho, mas também fora dele. Assim, a dominação se torna aparente, evidenciando que o trabalhador tornou-se apenas uma engrenagem da máquina que faz a roda da produção girar incessantemente em busca de lucros, não levando em consideração a subjetividade do homem que a move, que se torna um “reles” operário.

Paralelamente a tudo isto, a formação politécnica leva em consideração o que Taylor mais desconsiderou em seu trabalho, a autonomia do sujeito. Freire (1996) diz que a autonomia é o gosto pela rebeldia que o educando mantém vivo em si, melhor explicando, é o que mantém vivo o seu ativismo político e elimina de si a passividade que o processo educacional pode produzir no aluno. Assim, a educação politécnica, ao prezar pela liberdade do sujeito no processo educacional, supera a relação em que o professor trata o

aluno como objeto e, inversamente, o aluno trata o professor como um mero elemento transferidor de conhecimento. A autonomia tem na educação o mesmo efeito que tem no trabalho. Um sujeito que exerce seu trabalho de forma autônoma tem a possibilidade de pensar o processo produtivo como um todo, podendo analisar a importância da tarefa no universo de seu ambiente de trabalho e participar do processo de tomada de decisão com plena capacidade crítica dos elementos que circundam o universo do trabalho.

A politecnicidade prima pela autonomia do sujeito e pela formação integral do ser humano como um todo (como um ser político, histórico, ético etc), incentivando uma educação que pensa criticamente o processo produtivo, como anteriormente dito. Assim, surgem duas características na formação politécnica que a difere de outros modelos formativos, como o taylorismo: primeiro, o sujeito torna-se apto a uma multiplicidade de tarefas; e, segundo, capacitado para uma atuação política e crítica no processo produtivo. (MANACORDA apud SAVIANI, 2003).

Como considera Saviani, “Na abordagem marxista, o conceito de politecnicidade implica a união entre escola e trabalho, ou, mais especificamente, entre instrução intelectual e trabalho produtivo”.(2003: 144) Em outros termos, a politecnicidade, ao contrário da administração científica, não separa o intelectual do manual, e sim, os considera, necessariamente, concomitantes para um bom exercício da profissão, com um senso crítico sobre todo o processo de produção que deve ter uma base política, possibilitando a autonomia do trabalhador nas suas escolhas.

Ainda segundo Saviani, nenhum trabalhador pode ser expropriado totalmente de seu conhecimento, senão ele não pode trabalhar. Diante disto, desenvolveu-se mecanismos em que se expropriava grande parte do conhecimento do indivíduo e o sistematizava para poder controlá-lo - o Taylorismo foi a mais forte expressão disto. Para Saviani, “Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual” (2003).

Na formação da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, que usa os preceitos da politecnicidade, o aluno tem menos propensão a sofrer o processo de alienação, tão usado de maneira incisiva pelos doutrinados através da administração científica. Desta forma, a EPSJV objetiva eliminar a alienação, tornando os alunos mais autônomos e menos

dependentes politicamente de outros indivíduos no processo produtivo. Em seu Projeto Político Pedagógico, a EPSJV define:

Temos como compromisso maior: a Educação Profissional em Saúde, em nível técnico e de formação inicial e continuada, voltada para uma formação ética, política e técnica. Com essa finalidade, são realizados, cursos e pesquisas, e traçadas cooperações técnicas em níveis nacional e internacional. (EPSJV, 2005, p.07)

Além disso, a EPSJV concebe:

a educação como um projeto de sociedade. Nesse sentido, é defensora de uma concepção politécnica que dialoga com as circunstâncias societárias atuais e, deixando explícita a sua concepção de mundo, compreende que o trabalhador se educa no conflito e na contradição, e que a aquisição, pela classe trabalhadora, dos saberes elaborados pela humanidade serve de instrumento para a luta contra a divisão social do trabalho e a dominação. (ibidem)

A Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio foi criada em agosto do ano de 1985. Trata-se de uma escola que tem um olhar diferenciado de educação. Enquanto as escolas técnicas mais tradicionais têm uma visão apenas tecnicista, que visa transferir um conhecimento necessário para que seu aluno possa exercer uma determinada tarefa. A EPSJV tem como objetivo não apenas formar um técnico capaz de trabalhar na área da saúde pública, mas também formar um trabalhador com capacidade crítica de analisar o meio onde ele trabalha, para poder também ter capacidade de participar do processo e tomada de decisão. A EPSJV inicialmente exercia suas atividades em duas frentes de trabalho: Uma era na frente intra-institucional e outra com outras instituições, nacionais ou internacionais, com a oferta de cursos nas áreas de produção tecnológica, pesquisa biológica e serviços de saúde pública para alunos de nível médio.

Na década de 90, a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio consolida-se como Unidade Técnico-Científica da FIOCRUZ, com a missão de promover a Educação Profissional (então sob a égide do decreto 2208/97) de Nível Básico e Técnico em Saúde, no âmbito nacional, prioritariamente para trabalhadores de Nível Médio do Sistema Único de Saúde (SUS), realizando atividades de ensino, pesquisa e cooperação técnico-científica (idem, p.11).

Com isso, percebe-se a crescente importância que a EPSJV ganha na área da Educação Profissional em âmbito nacional.

Já na área de gestão em saúde:

Mudanças no mundo do trabalho têm colocado um conjunto de questões que afetam direta ou indiretamente o cotidiano dos trabalhadores. Apresentam “novas” oportunidades, exigências e responsabilidades concretas relacionadas às suas práticas e sinalizam um “novo perfil de trabalhador”. Aos trabalhadores deste novo tempo, incluídos ou não no mercado de trabalho, exigem-se novas habilidades e competências, como a capacidade de diagnóstico e gerenciamento de situações, postura inovadora e crítica diante de situações de “imprevisibilidade”, além das habilidades técnicas específicas. Questões concretas que colocam em cena um novo paradigma educacional (idem, P.112)

Este trecho mostra o quanto o curso técnico em gestão em serviços de Saúde da EPSJV saiu na frente no que se diz a formação de um “novo perfil de trabalhador” necessário aos novos tempos. Um trabalhador crítico, com multi-aptidões, é muitíssimo valorizado nestes novos tempos, trabalhadores os quais tem em uma formação politécnica tudo o que é necessário e requerido por este perfil citado no Projeto Político Pedagógico da escola.

CAPITULO II - METODOLOGIA:

Entende-se essa pesquisa como qualitativa por buscar responder algumas questões muito particulares sobre o objeto de análise. A pesquisa qualitativa pode ser basicamente dividida em dois tipos de abordagens, sendo considerada neste trabalho a de caráter compreensivista. A principal característica das pesquisas compreensivistas se dá no objetivo da pesquisa; tenta-se apenas compreender o que se passa com o objeto de estudo e os elementos em sua volta. O Autor, segundo Minayo (2007), que trabalha de modo compreensivo tem a possibilidade de atuar mais próximo de sua matéria-base de pesquisa, bem perto das vivências das experiências e do cotidiano do objeto pesquisado.

O ponto de partida de qualquer pesquisa é a Fase Exploratória. Nela trabalha-se com o que se dá base ao pesquisador para que ele realize com eficiência a captação de informações para o seu trabalho. Inicialmente definimos os elementos da pesquisa, que podem ser divididos em: (a) escolha do tópico de investigação; (b) delimitação do objeto; (c) definição dos objetivos; (d) construção do marco teórico conceitual e (e) seleção dos instrumentos de construção/coleta de dados.

Ao definir o tema desta pesquisa (a), ele também foi analisado quanto a sua relevância, pois se o tema que não trouxer nenhuma adição positiva a sociedade, não tem a necessidade de ser pesquisado.

Após a confirmação de um número relevante de fontes de pesquisa bibliográfica confiáveis, deu-se início a análise documental sobre politecnicidade e assuntos co-relacionados, como educação profissional, autonomia, alienação e demais conceitos que se tornaram necessários à pesquisa (d).

Neste contexto, o CSEGSF (b) é o campo de atuação e o objeto utilizado nesta pesquisa para analisar o tema estudado. Nele o autor buscou compreender durante o período de estágio o processo de trabalho a partir de uma visão mais ampla, proporcionada pela sua formação politécnica, ou seja, não apenas atuando com uma técnica de trabalho, mas sim analisando-a e podendo criticá-la para uma melhora de sua função. No CSEGSF, além dos setores onde o autor atuou diretamente foi considerado todos os demais dos setores que tem relação com os lugares onde o autor exerceu seu estágio.

Analisar o cotidiano de trabalho do técnico em gestão formado pela EPSJV no estágio realizado no CSEGSF, identificando se a formação politécnica possibilita uma eficiência diferenciada no trabalho exercido pelo profissional(c), é o que este estudo procura responder. Este objetivo é também usado como guia para a escolha e construção dos métodos e instrumentos da pesquisa.

Ao se trabalhar com os conceitos básicos definidos por este estudo foi possível selecionar os instrumentos de construção e de coletas de dados (e) no campo de trabalho.

O trabalho de campo, realizado através da coleta de dados a partir da observação participante, permitiu o contato direto do pesquisador com o objeto de estudo e todos os sujeitos que interagiram com ele. O instrumento utilizado para a arquivar as informações colidas durante a observação foi o diário de campo. O mapeamento dos processos de trabalho levou em consideração as técnicas e o procedimento operacional padrão (POP) de cada função exercida nos setores.

Deste modo, a partir do marco teórico conceitual e dos dados coletados foi realizada análise destes dados, norteadas pelo objetivo principal da pesquisa. A análise dos dados foi imprescindível para a conclusão deste trabalho, pois com ela, foi possível verificar a contribuição da formação politécnica proporcionada pela EPSJV para uma boa execução das tarefas exigidas pelo estágio necessário para a conclusão do curso em gestão de serviços em saúde. Assim, após a análise de dados coletados em campo e a constatação das contribuições da politecnicia, foi possível encerrar esta pesquisa com êxito.

A hipótese desse trabalho é que a politécnica abre a visão dos profissionais para que o trabalho seja melhor exercido, isto é, realizado de forma crítica, com participação na tomada de decisão, levando em consideração as subjetividades, dificuldades, limitações e sugestões dos trabalhadores.

CAPITULO III - O CAMPO DE ESTÁGIO

2.1 – O Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria

O Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF), localiza-se na Zona Norte do Município do Rio de Janeiro, na *Área programática 3.1*, ao longo da Estrada de Ferro da Leopoldina. Ocupa uma área localizada nas Xª Região Administrativa - *Ramos* e XIIª Região Administrativa – *Inhaúma*.

Na região em que o CSEGSF localiza-se há inúmeras comunidades carentes, tais como Nelson Mandela, Mandela de Pedra, Vila Turismo e muitas outras que formam o complexo de Manguinhos, uma das áreas de IDH mais baixo do Rio de Janeiro, o que indica a carência da população que vive no entorno do centro.

Vinculado desde sua inauguração com a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, que por sua vez faz parte da Fundação Oswaldo Cruz, o centro de saúde, além de prestar serviços de atenção básica em saúde, atua nas áreas de pesquisa e desenvolvimento tecnológico voltados para os serviços de saúde e também na área do ensino em saúde, a fim de qualificar profissionais, tais como médicos e enfermeiros ligados à assistência básica oferecida pelo centro que se integra o Sistema Único de Saúde.

A missão do CSEGSF é “promover e garantir a saúde da população do entorno de Manguinhos e atuar no ensino e pesquisa sobre as necessidades de saúde nesta região” (DIRETRIZES GERENCIAIS, 2006). Analisando mais profundamente isto, podemos concluir que o centro de saúde não pode ser comparado a um mero posto de saúde, pois mesmo sendo definido como um serviço de Atenção Primária em Saúde, oferecendo serviços de promoção, de prevenção, cura e reabilitação visando a saúde e o bem estar dos moradores de sua área alvo, seu objetivo principal extrapola a mera assistência médica de um simples PAM¹, diferenciando seu papel no Sistema de Saúde Local.

No território de abrangência do CSEGSF vivem aproximadamente 60 mil habitantes (de todo o complexo de Manguinhos) que são inseridos na rede de atenção básica de saúde local através do programa *Saúde da Família*, que tem como base o próprio centro. Nele, além dos serviços disponibilizados pelo PSF (como clínica geral, saúde bucal, educação em

¹ Posto de Assistência Médica

saúde, imunização etc), o centro de saúde disponibiliza para os usuários atenção especializada como: pediatria, Geriatria, Ginecologia e Obstetrícia, Dermatologia, Psiquiatria, Homeopatia, Puericultura, Pré-Natal, Preventivo de Câncer Cérvico-Uterino, tratamento de lesões, tratamento de saúde mental para crianças, jovens, adultos, idosos e portadores do vírus HIV, acompanhamento nutricional para pessoas de todas as idades e gestantes, fonoaudiologia para crianças e deficientes auditivos, serviços odontológicos para todas as idades, atendimento especial para dependentes químicos e familiares, procedimentos de enfermagem (como tratamento de lesões, imunização e esterilização), testes laboratoriais (tais como TIG, TFT, parasitológico e teste de detecção do bacilo de koch) e testes de apoio a diagnóstico (eletrocardiograma e PPD), semi-internação para usuários do grupo de redução de danos. Além disso, se oferece também no CSEGSF certos programas como dispensação orientada de medicamentos para usuários de programas como os de tratamento a hipertensão, diabetes, tuberculose e síndrome de imunodeficiência adquirida (SIDA ou AIDS) e vigilância epidemiológica.

Em sua atuação na área da pesquisa, o CSEGSF procura gerar e difundir conhecimentos e tecnologias aplicáveis na área da atenção primária à saúde. No centro são desenvolvidas, juntamente com a ENSP e outras instituições parceiras, pesquisas que, dentro da atenção básica à saúde, seguem as mais variadas linhas, como alimentação e nutrição, clínica, promoção da saúde, educação e comunicação em saúde e avaliação de serviços e tecnologias em saúde. A experiência dos pesquisadores atuantes no CSEGSF é fruto de suas participações diretas na atenção à saúde da população alvo do próprio centro. Os profissionais do centro, que também trabalham com pesquisas, atuam também conforme suas profissões e especialidades, concomitantemente à elaboração de seus trabalhos.

No que se diz respeito às práticas em educação exercidas no CSEGSF podemos perceber a existência de duas áreas: 1. O ensino formal, e 2. Realização de práticas educativas com os usuários, o que podemos definir como educação popular.

Na área de ensino formal (1), o centro busca desenvolver uma ampliação das atividades docentes, a renovação pedagógica da educação de seus pesquisadores e o aperfeiçoamento dos mecanismos de monitoramento e avaliação de ensino utilizados, conforme as diretrizes defendidas e usados pela ENSP. Nesta mesma área, busca-se ampliar as redes interdisciplinares, inter e intra-institucionais e também ampliar as parcerias e

colaborações com escolas e universidades que estejam interessadas pela área de atuação do CSEGSF, com o intuito de estender a oferta de estágios curriculares institucionalizados e definir uma perspectiva de busca e aperfeiçoamento dos cursos existentes e pretendidos.

No campo da educação popular em saúde, voltada para os usuários (2), o CSEGSF objetiva, dentre outras coisas: o estímulo aos programas educacionais para pacientes e familiares a fim de ampliar seu universo de atuação; e o incentivo à participação dos usuários nos processos de decisão informada, contando com a interação dos profissionais de saúde.

2.2 – Setores de estágio curricular.

Durante o estágio curricular, os alunos do Curso Técnico de Gestão em Serviços de Saúde da EPSJV passaram por quatro setores do CSEGSF: I - Centro de Abastecimento Farmacêutico (CAF); II – Serviço de Documentação e Informação em Saúde (SEDIS); III – Farmácia; e IV - Setor da Qualidade. De Abril a Novembro, os alunos atuaram como estagiários de segunda a sexta por três horas diárias, exceto no período de recesso e em feriados. Nos quatro setores pesquisados, percebe-se a importância deles para o bom funcionamento do Centro nas três áreas em que ele atua (Ensino, Pesquisa e Assistência).

Antes de analisar o trabalho exercido nos setores citados acima, tem-se a necessidade de primeiramente analisar o contexto de cada um deles no universo do CSEGSF.

O Centro de Abastecimento Farmacêutico (I) é essencialmente um almoxarifado. Mas, oficialmente, não pode ser considerado um, pois existe na Fundação Oswaldo Cruz uma recomendação para que cada instituição tenha apenas um almoxarifado, para facilidades de logística, fazendo com que o CAF seja submisso ao Almoxarifado central da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP). Este setor, que existe especificamente para abastecer a farmácia do CSEGSF, nota-se a existência de uma logística de controle de medicamentos eficiente. A divisão dos medicamentos nos sete corredores de prateleiras se dá a partir dos tipos de medicamentos (líquidos e sólidos) e pelo peso de suas caixas, explicitando a preocupação com a praticidade do trabalho e também com a ergonomia do trabalhador. O sistema de controle de validade é feito por um

programa que, mesmo sendo antigo, faz o necessário para que o atendimento seja ágil e eficiente. O controle de entrada e saída atende com presteza a demanda exigida pelo trabalho exercido neste local. Com ele, pode-se detectar qualquer saída indevida ou desaparecimento de qualquer medicamento.

O SEDIS (II), serviço de documentação médica do CSEGSF, é responsável por todo serviço de informação, prontuários e estatística do centro. Por ser também um centro de pesquisa, as informações encontradas neste setor também são usados para fins de pesquisa pelos residentes e estagiários da instituição. Nele trabalham por volta de 20 pessoas que se ocupam com a distribuição de prontuários, arquivamento, abertura de novos e com a catalogação e anexação de novos dados a cada um dos quase 62 mil prontuários, ativos ou não, encontrados no CSEGSF.

Neste setor, usa-se o método de arquivamento de prontuários 2-1-2, que ordena a prateleira, a divisão e a ordem em que o prontuário deve estar, respectivamente. Para os médicos atenderem os usuários, formam-se módulos arremates com os prontuários das pessoas que serão atendidas no dia seguinte, a fim de agilizar o atendimento no centro.

Na parte da estatística, utiliza-se o programa de gerenciamento de dados (chamado de GIL), juntamente a Codificação Internacional de Doenças (CID). A estatística serve para o controle epidemiológico que se faz no CSEGSF e também se conta o número de consultas, juntamente com quem a realizou e qual foi a demanda gerada por esta consulta.

A falta de espaço é uma constante no CSEGSF, e no SEDIS isto se mostra com mais clareza. Lá o espaço é limitadíssimo e por falta de espaço físico (já que não se pode digitalizar o conteúdo dos prontuários e nem descartar prontuários inativos e de pessoas que já morreram) a sala do setor acabou se tornando um amontoado de caixas-arquivo, poluindo física, biológica e visualmente o local. Este setor é insistentemente criticado pelos avaliadores que visitam rotineiramente o posto por este motivo.

A farmácia (III) do CSEGSF é onde se dispensação dos medicamentos para os usuários da unidade. Diretamente ligada ao CAF, a farmácia é o único local dentre os citados que o pesquisador teve contado direto com o atendimento ao público, podendo perceber de perto o quão difícil é lidar com as pessoas carentes do complexo de manguinhos.

Mesmo sendo em um espaço muito pequeno, as responsáveis pela farmácia conseguiram organizá-la geograficamente tornando-a viável para o trabalho. Com duas farmacêuticas, duas técnicas de farmácia e 3 estagiários, consegue-se ter o máximo de eficiência possível no atendimento ao público, mas mesmo assim, muitas vezes até este atendimento fica prejudicado, pois a falta de medicamentos é freqüente na rotina deste setor.

Para trabalhar na farmácia tem que se entender um aspecto básico. Ao lidar com um público, que muitas vezes vem debilitado por problemas de saúde, gentileza e paciência são indispensáveis para o sujeito que está prestando atendimento ao público, e se estes dois pré-requisitos forem preenchidos, com mesma a paciência e gentileza a população o tratará.

Além de atendimento ao público, o estagiário teve outras funções na farmácia, como verificar o estoque para que não falem medicamentos para os pacientes. Isso é muito importante, pois se deixar faltar um certo medicamento, deve-se pedir primeiro ao CAF para depois atender ao paciente, o que culmina numa demora maior do que no procedimento padrão.

O setor da Qualidade (IV), como o próprio nome diz, é o responsável pelo controle de qualidade do CSEGSF. Nele são realizados os mais diversos trabalhos, sempre em consonância com as normas da acreditação internacional que foram integradas num manual próprio para unidades de atenção básica de saúde. Foram desenvolvidas, para sanar os problemas identificados², oficinas com os profissionais dos setores problematizados juntamente com as duas profissionais do setor da qualidade para analisar os problemas e definir possíveis soluções, para que na visita seguinte da acreditação, o centro ganhe um “conforme” ao invés de “não conforme”, categorias que avaliam a qualidade do setor.

² Quando não se encontra elementos necessários e procedimentos padrões consolidados para lidar com eles a instituição ganha um “não conforme”. Se for identificado só um destes dois elementos a instituição ganha um “parcialmente conforme”.

CAPITULO IV – O exercício do estágio: apresentação dos resultados

Os resultados da pesquisa são oriundos, basicamente, da experiência do autor no estágio curricular realizado no CSEGSF. Com a passagem do pesquisador nos quatro setores citados no capítulo 3, juntamente com uma atenção voltada para, além de seus próprios afazeres, para aspectos da rotina do setor em que estava atuando buscou analisar o universo que o rodeava, coletando os dados que serão expostos a seguir.

Primeiramente os estagiários foram apresentados rapidamente ao espaço físico do centro. Foi apresentado o CAF, a farmácia, setor de qualidade e o SEDIS; setores que os alunos iriam atuar. Eles também foram apresentados aos espaços de espera dos pacientes e a administração, pois de início, estagiar na administração fazia parte do programa de estágio. Após isto, foi feita uma apresentação dos dados do CSEGSF em slides. Nesta apresentação foi esclarecida a história do centro e seu papel na rede de saúde pública do Rio de Janeiro. Em seguida foi decidida a ordem de atuação de cada um dos três estagiários nos setores e o pesquisador primeiramente foi designado ao centro de abastecimento farmacêutico.

No dia seguinte, ao se apresentar a chefe do setor, o autor da pesquisa foi se familiarizando com o local. Foi apresentado ao espaço físico do setor e as duas outras estagiarias de nível superior de lá, em que revezavam, onde uma estagiava de manhã e outra de tarde. Assim, percebeu-se o que pode ser considerado um fato que limita por algumas vezes o bom funcionamento do setor, pois no local só existe uma funcionária, aumentando a carga de trabalho da única funcionária permanente que existe no setor. Em alguns dias atípicos o setor chega a fechar, pois não há ninguém no local para exercer as funções necessárias.

Logo no primeiro dia começou a realização das tarefas ligadas ao setor. O CAF foi o setor que mais exigiu do estagiário o conhecimento que foi proporcionado a ele pela EPSJV. De início, foi solicitado a conferência das licitações ainda validas e o quanto já tinha sido pedido de cada uma delas, a fim de quantificar o “crédito” que a instituição ainda tinha com as empresas que venderam medicamentos a ela. Neste primeiro dia foi a única vez que o autor da pesquisa teve um certo contato com as práticas de licitação.

Após este breve contato com as licitações, a rotina do estagiário neste setor se resumiu a trabalhar com tarefas relacionadas ao estoque. No setor, mesmo existindo o

programa de checagem de estoque citado no programa anterior, eram realizadas semanalmente checagens do estoque manualmente, contando medicamento por medicamento, pois a chefe do local tinha medo de que o programa cometesse algum erro, fazendo com que se extraviasse algum medicamento, ou fosse dispensado um pedido mais de uma vez.

A dispensação de medicamentos possuía processos que, dependendo do seu destino, variavam entre si. Checava-se se o medicamento estava disponível em quantidade suficiente no programa de controle de estoque do almoxarifado, após isto verificava-se os lotes que se tinham e a validade de cada um deles, para que não fosse esquecido nenhum lote nas prateleiras e ele perdesse seu prazo de validade sem ser utilizado por ninguém. Depois de realizado isto, dava-se baixa no sistema da quantidade do medicamento que estava sendo sacado e o dispensava-o para o seu destino.

Para a farmácia do CSEGSF, a qual a dispensação era realizada todas as terças-feiras e quando, por algum aumento repentino de demanda, algum medicamento se mostrava na eminência de entrar em falta na farmácia. O processo era realizado tantas vezes que a automação adquirida fazia com que a dispensação para a farmácia fosse muito ágil. Ao recolher todos os medicamentos requeridos pelas funcionárias do outro setor, enviava as caixas de medicamentos através de uma pequena janela em uma parede que fica entre os dois setores.

Além da farmácia, há outros setores do próprio centro que eventualmente solicitam medicamentos ao CAF. A Enfermaria, o centro odontológico e o setor de tratamento de lesões recorrem ao setor quando necessitam de um medicamento mais específico para o atendimento dos usuários. Geralmente são medicamentos como glicose, anestésicos de baixa intensidade ou material para pequenos curativos. O processo de dispensa é quase o mesmo que o da farmácia, a única diferença é que deve ser especificado o destino do medicamento. Algumas vezes, por descuido da funcionária ou dos estagiários, colocava-se no sistema baixa de medicamentos dos outros setores do CSEGSF que recorrem ao CAF como se fosse para a farmácia.

Além de setores da própria instituição, o Centro de Abastecimento Farmacêutico também envia remédios para outras unidades de saúde. Geralmente era na forma de doação de medicamentos, que na maioria das vezes estavam com seus prazos de validade perto do

fim, e para evitar o desperdício deles enviava a alguma unidade de saúde que teria a demanda necessária para que estes medicamentos não fossem para o descarte.

O almoxarifado do IPEC e o CAF do CSEGSF mantêm uma relação muito próxima para ajuda mútua. Quando se tem a previsão de falta de um medicamento em qualquer uma das unidades, o outro geralmente socorre, quando possível, com uma quantidade de medicamentos suficiente até a chegada da remessa de medicamentos seguinte.

O abastecimento do CAF se dá por duas maneiras. Através do fornecimento de remédios pela prefeitura municipal da cidade do Rio de Janeiro, que fornece ao CSEGSF os mesmos medicamentos que fornece aos PAMs de sua rede, e os medicamentos que a prefeitura não fornece, são realizadas licitações com as fábricas de medicamentos interessadas para a compra deles.

Os medicamentos da prefeitura são buscados no PAM de Ramos uma vez a cada mês. Fica disponível para o cumprimento desta tarefa uma Kombi da fundação juntamente com o motorista e, para carregar e descarregar o veículo, dois funcionários da administração. Para conhecer melhor o trabalho, o autor se ofereceu para ir junto as duas vezes em que isso foi feito enquanto ele se encontrava vinculado a aquele setor.

Por ser vinculado à Escola Nacional de Saúde Pública, as licitações do CSEGSF são feitas, oficialmente, pela própria ENSP. Neste processo realizam-se os empenhos no próprio centro e, após isto, os envia ao departamento da Escola Nacional que lida com este tipo de processo para que sejam realizadas as licitações e as tomadas de preço para a compra dos medicamentos requisitados.

Após dois meses de uma rotina relativamente repetitiva, no dia 2 de Junho, o autor foi transferido do CAF para o SEDIS.

Ao ser apresentado ao setor foi observada uma organização insuficiente com as necessidades do serviço. O problema neste caso não eram os amontoados de caixas que tomavam todo o espaço disponível, pois isto é uma característica comum a alguns setores do CSEGSF, mas havia também falta de cuidado e o desleixo com prontuários, fichas e outros materiais com que se trabalhava lá.

Durante a primeira semana neste setor, o pesquisador exerceu as funções corriqueiras da parte de apoio ao atendimento ao público. A realização de módulos para o dia seguinte, recolocação dos prontuários em seus devidos lugares, abertura de cadastros no

GIL (Gerenciamento de Informações Locais), montagem de novos prontuários e etc, juntamente com o incentivo de sua chefe em pensar novos processos mais vantajosos ao setor e aos seus funcionários o autor exercia um olhar crítico minucioso, para localizar algumas ações, problematizá-las e remodelá-la, para que o trabalho exercido lá fosse melhorado.

Após esta primeira semana de análise foi elaborado um pequeno plano para sanar a deficiência encontrada. O pequeno trabalho foi apresentado a chefe do estagiário, que o achou interessante e válido de ser colocado em prática e para a chefe de todo o setor, que compartilhou da mesma opinião. Porém, os funcionários que iriam ter seu processo de trabalho modificado demonstraram recusa sem ao menos analisar o projeto. Foram veementemente contra, e fizeram pouco da proposta pelo fato do pesquisador estar ali a apenas ha um pouco mais de uma semana, enquanto alguns deles terem mais de vinte anos de casa, julgando assim, que o exercício de suas tarefas, realizado da mesma maneira nestes mais de vinte anos, por “funcionar” todo este tempo, não podia nem sequer ter uma mudança cogitada.

Ao perceber o mal estar gerado por isto, a supervisora de estágio do setor fez uma proposta ao estagiário para que ele se distanciasse um pouco deste grupo. Existe um espaço no CSEGSF onde eram guardados prontuários que estavam inativos a mais de cinco anos. E por sua baixa rotatividade, foram guardados na rouparia do centro, que estando vazia, foi disponibilizada ao SEDIS para desafogar um pouco a sala onde ficava o setor. A proposta consistia em repensar a organização do local, para que fosse melhor aproveitado o espaço e que também fosse ergonomicamente mais fácil alguém conseguir retirar uma caixa de lá.

Em pouco tempo, após o inicio dos trabalhos na rouparia, percebida a necessidade de se utilizar EPIs (Equipamentos de Proteção Individual) para não prejudicar a saúde de uma pessoa presente ali durante o trabalho. Só após a providência destes equipamentos foi possível a continuação dos trabalhos.

Nos primeiros dias, foi feita uma medição da sala, das prateleiras e das caixas utilizadas neste local e uma contagem do número de caixas ali presentes. Foi feito um planejamento de como e aonde seriam alocadas estas caixas e do POP (Procedimento Operacional Padrão) que seria feito para a retirada deste material.

Após quase duas semanas de planejamento teve-se o primeiro contato físico com o local. Era insalubre e desorganizado, ao ponto de se tornar quase inviável a entrada no lugar. Então, foi realizada uma organização preliminar para que, após a decisão final, fosse possível poder organizar definitivamente a rouparia.

Após um tempo de reflexão foi decidido como seria feito a gestão do espaço naquele local. As caixas-arquivo seriam distribuídas pelas prateleiras de cinco andares em grupos de seis. Para facilitar a localização dos prontuários inseridos nestas caixas, seria feito mapas de cada prateleira.

Durante a confecção destes mapas, muitas vezes o estagiário foi realizando outras tarefas que apareciam em caráter de emergência e que demandavam trabalho imediato. Isto fez com que o tempo para a confecção dos mapas fosse cada vez menor, e a data de 15 de julho, a qual seria o ultimo dia do autor neste setor, não foi suficiente para organizar todas as prateleiras, e então, por este fato, ficou decidido que a estagiária que o substituiria continuasse a trabalhar na rouparia.

Ao longo do estágio, o autor percebeu algo que prejudica seriamente o andamento do processo de tomada de decisão no setor, a burocratização. Para deliberar, uma pequena coisa que seja, faz-se uma reunião com toda a cúpula do setor, que são por volta de oito pessoas, para obter uma resolução do fato problematizado. A horizontalização das relações de poder no centro de saúde é incentivada, mas criar reuniões até para assuntos de mínima importância acabam tomando tempo demais, aumentando o tempo de resolução de problemas. Um exemplo disto foi em uma reunião presenciada pelo estagiário, que lhe foi concedido o direito apenas de observá-la. A reunião, que durou aproximadamente duas horas, e que contou até com a presença da diretora da instituição, era pra discutir, no processo de implementação do prontuário eletrônico, qual era o modelo de pistola a laser que seria solicitado, uma fixa ou móvel, demonstrando a morosidade do processo de tomada de decisão no setor.

Sem muitos fatos relevantes durante isto até o dia 15 de julho, iniciou-se o tempo de recesso escolar, onde também seria haveria recesso do estágio. Pelo pânico contraído pela chegada da gripe suína no Brasil e seu avanço por todo o território brasileiro, o recesso escolar foi entendido por mais duas semanas, para se evitar o contágio de algum estagiário e uma possível transmissão entre os alunos da EPSJV.

Ao retornar do recesso, o autor da pesquisa foi transferido para a Farmácia. Mas mesmo após a sua saída do SEDIS, o estagiário continuou sendo cobrado pelos mapas por sua antiga chefe, já que a estagiária que o substituiu, por problemas respiratórios, não podia exercer o trabalho na rouparia. A supervisora achava coerente que, se a substituta não pudesse realizar o trabalho, ela deveria continuar cobrando do antigo estagiário a tarefa que não é mais responsabilidade dele, e pela falta de diálogo nesta situação, foi necessário recorrer a supervisora de estágio da EPSJV. Uma reunião foi realizada, e com isto a situação foi resolvida, decidindo que não era mais responsabilidade do autor de terminar esta tarefa. Com o veredicto, foi possível voltar todas as atenções a Farmácia.

Não eram muitas tarefas as exercidas neste setor. Podia-se resumir em apoiar o atendimento ao público, atender diretamente o público, verificar o estoque de medicamentos, repor as gavetas que estavam vazias e solicitar mais medicamentos caso eles estivessem perto do fim. Eram tarefas não muito ligadas a área de gestão, mas havia elementos que foram estudados durante o curso de gestão que eram levados em consideração lá.

O humaniza SUS é um destes elementos. A cartilha desta política norteava como eram feitas as abordagens com o público, como lidar com certas situações, como com os pacientes portadores de HIV, e até na forma em que se foi concebido o espaço físico do setor.

O convívio do estagiário com os funcionários do setor foi amistoso. Eles sempre estavam a postos para qualquer ajuda que o autor precisasse e para considerar qualquer opinião posta por ele. Isto tornou fácil trabalhar no setor, ao contrário do que aconteceu com o seu antecessor.

A hierarquia na Farmácia era uma mera formalização. Ao contrário do ocorrido no SEDIS, a horizontalização da importância de cada funcionário no processo de tomada de decisão, como o observado na maioria dos locais, dava agilidade às decisões tomadas no setor. Pequenos problemas surgidos e algumas mínimas ações necessárias eram decididas por quem estava lá se estivesse capacitado para tal.

Após um mês neste setor, houve finalmente a última troca de setores, levando o estagiário da Farmácia para o setor da qualidade.

A estadia neste setor foi muito rápida. O tempo reduzido de permanência culminou na pouca oportunidade de atuar no dia-a-dia do setor. Os poucos trabalhos realizados neste setor foram os que mais se aproximaram com a área da saúde pública estudada no curso dado pela EPSJV.

No setor da qualidade foi realizada pelo estagiário uma pequena consulta com a população sobre um guia de direitos e deveres dos usuários no CSEGSF. Antes foi feita uma pequena reunião com a chefe dos assistentes sociais, a fim de uma orientação para a elaboração das perguntas do questionário e de como abordar as pessoas. Após isto, foi usado como base outro questionário, disponibilizado pela mesma mulher que deu orientações sobre o questionário, já que era com um objetivo muito parecido para o que ele foi feito.

Ao fim da montagem, foi feita a consulta com a população. Durante a última semana de estágio, durante três dias (segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira) abordava-se os usuários no CSEGSF para sondar se eles tinham conhecimento da existência do guia em questão e se eles entenderam o que se transmitia no guia da maneira que foi posta ali.

Abordar a população foi no mínimo curioso. As pessoas eram muito receosas de um estagiário, mesmo que para uma avaliação, os procurasse para pedir sua opinião. Alguns até acharam que a abordagem pedir doações em dinheiro, fato este um tanto cômico, se comparado ao objetivo real em que o estagiário a abordou.

A mensuração dos dados foi realizada por uma estagiária que substituiu o autor da pesquisa após a sua saída deste setor.

Estava previsto para, além destes setores, que serviram de campo de estágio para a EPSJV no CSEGSF, passar por experiência também no setor da administração. Isto não foi possível, pois, durante o ano, houve uma mudança na chefia, e outro funcionário assumiu este posto, o qual foi o que iria ser o supervisor de estágio no setor. Ao chegar a época dos a administração, o novo chefe não tinha tempo disponível para orientar os estagiários nos seus afazeres, e por isto houve um tempo de inatividade de 2 semanas na troca entre a farmácia e o setor da qualidade.

CAPÍTULO V – A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO POLITÉCNICA PARA O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO

Durante todo o período de estágio curricular no CSEGSF, foi notória a importância da formação politécnica, propiciada pela EPSJV, para o bom exercício das funções designadas ao estagiário. A ampla visão do trabalho proporcionou um melhor aproveitamento da força do trabalho do estagiário nos setores em que ele passou.

No primeiro setor em que se passou, o autor entende que a formação politécnica facilitou a realização das tarefas. Todos os mais diferentes afazeres que se tinha neste setor foram possíveis de serem desempenhados pelo estagiário que lá passou, pois ele teve contato com matérias que lhe deu embasamento para exercer adequadamente estas tarefas, e também lhe ofereceu a capacidade de pensar no impacto delas em todo o processo de trabalho, não importando se fosse uma tarefa de fácil resolução ou algo mais complexo, que exigiria mais tempo.

No segundo setor de estágio, a formação politécnica também auxiliou nas tarefas realizadas, assim como no primeiro setor. Porém, neste local, não houve disponibilidade por parte dos funcionários para realizar as mudanças propostas pelo autor. Este fato parece indicar pouca disponibilidade para mudanças nos processos de trabalho como um todo, o que pode estar relacionado com o modo do funcionário visualizar o trabalho, possivelmente relacionado com a formação tradicional que eles tiveram.

O autor percebeu por parte dos funcionários do SEDIS uma qualificação insuficiente para lidar com o público alvo. Eles são notoriamente uma população carente de tudo, que muitas vezes não entende o que é necessário fazer para, por exemplo, marcar uma consulta, e o trabalhador, não qualificado para esta tarefa, acaba atendendo este funcionário de maneira pouco resolutiva. Isto aconteceu constantemente enquanto o autor estava exercendo suas funções neste setor.

Nesta situação, se considerarmos um trabalhador que passou por uma formação politécnica, a chance disto acontecer poderia ser minimizada. Como demonstrado no capítulo anterior, a EPSJV, entre outros objetivos, visa o preparo de seus alunos para lidar com este tipo de população, demonstrando a importância de criar uma aproximação e humanização na relação entre funcionários e usuários.

A experiência adquirida na farmácia, mesmo sendo de um setor não muito ligado ao que foi abordado durante o curso, foi muito enriquecedora. A gestão da farmácia se dá de modo participativo, como visa a abordagem politécnica, que considera direito de todos os trabalhadores participarem do processo de tomada de decisão.

A estadia neste setor também foi muito importante por ser o único em que o estagiário teve contato com o público do CSEGSF. O exercício de funções que consistiam em lidar com o público foi muito influenciado pela concepção da cartilha do Humaniza SUS, em que foi a essência de uma matéria proporcionada pelo curso de gestão em nível médio da EPSJV, demonstrando a preocupação não só com o trabalhador, mas também com o usuário que será atendido pelo profissional formado pela instituição.

No setor da Qualidade, o qual foi o que mais exigiu do conhecimento técnico do estagiário, a formação politécnica também se mostrou relevante para o exercício qualificado de suas funções. Foi necessário conhecer todo o processo de avaliação proposto pela acreditação para compreender o trabalho desenvolvido neste setor. O mesmo se deu através de um questionário proposto pela instituição, que consistia em avaliar a abrangência do conteúdo da cartilha dos direitos e deveres dos usuários do CSEGSF, quando teve que tomar conhecimento de todo o processo de elaboração, abordagem e de mensuração dos dados da mesma, a fim de obter uma fonte de pesquisa confiável.

Com estas reflexões pode-se obter em poucas palavras uma conclusão. A politecnicidade, como modelo de formação e sua concepção de trabalho podem auxiliar o trabalhador no entendimento de seus atos e das conseqüências do mesmo para todo o processo produtivo. Não só apenas no trabalho propriamente dito a visão do sujeito se amplia, mas também em toda sua vida, podendo compreender conseqüências, malélicas ou benéficas, que o trabalho exerce sobre ela.

Essa monografia pretendeu fazer uma breve análise da atuação do técnico em gestão de nível médio no CSEGSF. Conclui em linhas gerais que a formação politécnica trás diferenças importantes com relação a formação tradicional, podendo tornar o trabalho deste sujeito mais comprometido com os usuários do SUS.

9-Referência bibliográfica:

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de Política. Brasília: Universidade de Brasília, 13ª ed. 2007.

Dejours, Christophe. A Loucura do Trabalho: Estudo da Psicopatologia do Trabalho. 5ed. Ampliada, ed Cortez-Oboré, São Paulo, 1992.

CSEGSF, Diretrizes gerenciais do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2006

EPSJV, Projeto Político pedagógico. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATHIAS, Maíra. Trabalhadores de Nível Médio Cuidam da gestão do SUS. Técnico em Gestão de Saúde Atua no Planejamento, Controle e Avaliação das Políticas Públicas. Poli Trabalho Educação e Saúde. 1(1) nº2: 16-17,

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 26 ed- vozes, Petrópolis, RJ, 2007.

PINTO, Geraldo Augusto. A organização do trabalho no século 20: taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular,2007.

SAVIANI, Dermeval. O Choque Teórico da Politecnia. Revista Trabalho, Educação e Saúde, 1 (1):131-152, 2003.

SILVA, Ana Lúcia Abrahão da. Educação Profissional e Gestão em Saúde: Pressupostos Teórico-Conceituais na Formação de Profissionais de Nível Médio. Trabalho, Educação e Saúde, v.3 n.2, p. 351-369, 2005.

.

